

Corfu

O viajante que desça para sul pelo calcanhar da Itália como se escorregasse por uma meia de Natal cheia de prendas — cidadezinhas e monumentos inesperados — sente os primeiros sinais de que se aproxima de uma fronteira ainda muito antes de chegar a Brindisi.

Os aspetos mais selvagens do *Mezzogiorno* deram já lugar a uma série de cantões verdes e encantadores, a essa terra estranha e pitoresca de *trulli*, como chamam a essas engraçadas mas muito elaboradas aglomerações de potes de barro colados uns aos outros de qualquer maneira que são os pombais nativos do Sul italiano. Manfredonia e o seu grupo de promontórios de aparência sinistra desaparecem à esquerda. E a esta hora a tarde cai, com as luzes esverdeadas e gastas de um crepúsculo primaveril. O nosso viajante será prudente se escolher a primavera para a jornada que tem em vista, mas o descalçar da meia italiana é demorado e a noite começa a levar a melhor. De comboio ou de carro, tanto faz. Acaba a garrafa de vinho, come a última sanduíche. Em Brindisi poderá reabastecer-se e, se estiver a conduzir, a cidade oferecer-lhe-á também, nos dias de hoje, um confortável *ferry* para a viagem noturna. Brindisi marca a fronteira, que não é terrestre, mas marítima. Do outro lado, haverá simplesmente uma mudança de elemento? Ainda não tem uma premonição muito clara das ilhas gregas que o esperam, deitadas na escuridão como cães adormecidos. Como serão?

O que é que confere magia a uma fronteira? Não é o facto de ser uma delimitação territorial ou política, pois essas são artificiais, ditadas pela história. A mudança súbita de cenário, às vezes e em parte, pode ser responsável, mas muitas mais a passagem de um país para outro não é acompanhada de qualquer alteração da flora e da fauna (da Itália para a Grécia, por exemplo, da França para a Espanha). Talvez seja a linguagem que dá à passagem de uma fronteira o seu sabor característico de viagem. Seja qual for a resposta, é aí que está a magia. O coração do viajante baterá com um novo ritmo, o seu ouvido recolherá as tonalidades de uma nova língua; examinará a nova e estranha moeda com curiosidade. Tudo parecerá diferente, incluindo o ar que respira. Na Grécia é... Mas não nos adiantemos.

Chegando a Brindisi ao cair da noite, vai querer um jantar e um banho, pelo que rumará ao velho *Internazionale*, onde nada mudou verdadeiramente desde o tempo de Mussolini. O mesmo *maitre* cortês que nos serviu em 1938 ainda está lá, sempre suave e jovial e amável, e fala um Inglês excelente quando necessário. O viajante vai sair de um território nacional onde César foi outrora o herói supremo para outro onde o guerreiro que mais se lhe assemelhava no desrespeito das fronteiras e na sede inflexível de conquista foi Alexandre, *o Grande*. A diferença não é grande, que diz o leitor?

Saltadores de fronteiras tanto um como o outro, prontos a queimar os seus barcos à mínima gota que fizesse transbordar o Rubicão. No entanto, ambos foram precedidos por heróis mais antigos. O jovem Alexandre, a quem a ideia de deus subia à cabeça, deve ter-se sentido seriamente castigado quando se deparou, nas profundezas do interior da Cítia, com uma inscrição relativa às façanhas de alguém maior do que ele — a rainha Semíramis. A poesia desse texto comemora todas essas aspirações secretas:

Eu governei o império de Ninos, que se estende a oriente até ao Indo, a sul até à terra do incenso e da mirra, a norte até aos Sacas e Sogdianos. Antes de mim nenhum assírio tinha visto o

mar, ora eu vi quatro de que nenhum se aproximou, tão longe são. Eu obriguei os rios a correr onde eu desejava e dirigi os seus cursos para lugares onde eles eram necessários. Eu reguei as terras estéreis com os meus rios. Eu construí fortalezas inexpugnáveis. Com ferramentas de ferro, eu abri estradas na rocha intransitável. Eu abri-as para os meus carros em lugares onde até os animais selvagens não tinham sido capazes de passar. Contudo, no meio de todas estas ocupações, eu encontrei tempo para o prazer, eu encontrei tempo para o amor.

É o que diz Polyainos.

As luzes do porto piscam na escuridão e há o arrepio e o vago sussurro do tráfego marítimo e o vento ligeiro que tem o odor do largo. Só se pode subir a bordo depois da meia-noite, por isso o viajante passa o tempo a fazer paciências ou a ler, perguntando-se o que o espera depois de atravessar para o outro lado e chegar a Corfu de madrugada. Se sabe algum Grego, tenta refrescá-lo, consultando o seu livro de frases para encontrar as palavras de que poderá necessitar no dia seguinte. Mas também é possível que a expectativa e a sensação de não dever deixar-se adormecer antes de subir a bordo o levem a dar uma curta volta pela marginal. E não se arrependerá, pois logo ao lado do hotel há uma pequena *piazza* — tal qual um cenário de teatro — com um lanço de escadas e um grande bloco de mármore no topo. Neste há uma inscrição. Vem-lhe ao espírito que Virgílio morreu aqui, em Brindisi, numa noite quente de Setembro... ao regressar da Grécia; e diz-se em pensamento que, em contrapartida, não sabemos onde morreu Homero, nem se realmente era cego. Este contraste lembra-lhe mais uma vez que está de facto numa fronteira. Há uma diferença enorme entre Roma e Atenas, entre o Italiano e o Grego; e quem tenha alguns conhecimentos clássicos surpreender-se-á por verificar que hoje continua a ser igual. De um lado, a Itália da *finesse*, e com frequência do preciosismo, uma *finesse* apreciada e domada pelos indígenas ao ponto de ser uma suavidade formal. E do outro, a Grécia, um jardim selvagem onde

tudo cai em ruínas, violenta, vertical e blasfema... mas não domada. Pensemos na Itália romana: nela, a Natureza foi sempre esposa, ama e musa; enquanto para a Grécia clássica era selvagem, terrível, inteira, amante e deusa sem piedade, tudo ao mesmo tempo. E os heróis foram diferentes desde tempos imemoriais. O viajante observa um petroleiro que entra rapidamente, ao mesmo tempo que se pergunta se na Grécia moderna encontrará vestígios de Ulisses, o herói antigo. (Está quase na hora.)

O gosto pela mitologia e pelo folclore é talvez uma desvantagem quando visitamos sítios clássicos. É imprudente passar muito tempo a comparar o presente com o passado, uma vez que conduz inevitavelmente à insatisfação com o presente por não ser suficientemente romântico. A campainha toca e o átrio do hotel agita-se com os passageiros que se juntam, alguns para tomar posse dos seus carros, outros para pegar em malas e mochilas, antes de atravessar os cais escuros até onde está amarrado o *ferry*, com os vastos hangares abertos para os receber nas suas entranhas como um moderno cavalo de Troia. Por acaso o *ferry* é o grego e não o italiano, de modo que o viajante é recebido pelos seus primeiros gregos. Vê já as suas cabeças encaracoladas e os narizes compridos, os olhos brilhantes e as mãos rápidas. Parecem enérgicos, vivos, expeditos, fazem muitos gestos, mas é mais para ilustrar o que dizem do que o teatro dos italianos. A língua também é clara e melodiosa, cheia de dentais que rolam como seixos e lhe dão um carácter lapidar. No meio dos ruídos metálicos do embarque, ouve palavras que quase entende. Um marinheiro grita para outro “*Domani, domani. ÁVRIO!*” É como a pedra de Roseta a revelar os segredos. Porque “*ávrio*” deve significar “amanhã”! Uma bela palavra! Repete-a uma ou duas vezes. Uma sirene soa na escuridão e, com um ressoar de portas que se fecham, a enorme criatura desperta e começa a deslizar na noite escura para o novo mundo que está à sua espera. *Ávrio!*

A pequena *piazza* iluminada diminui já rapidamente de tamanho. Primeiro, torna-se um palco vazio e, em seguida, mais diminuta ainda, um quarto duma casa de bonecas às escuras. Brindisi — o

lugar donde se lançavam os exércitos da Roma Imperial — dissolve-se na escuridão que agora envolve o navio completamente. O mar respira calma e regularmente e a proa repete o ritmo com o seu lento *cha cha cha*. O viajante manda vir uma bebida, o seu primeiro *ouzo* talvez, esse potente anisete que na Grécia faz as vezes do *zebib* egípcio, do *arak* libanês, do *pastis* francês. É mais forte do que essas bebidas, mas um pouco áspero. Em seguida, dormir, ou num beliche, ou então envolto numa manta numa espreguiçadeira do convés, protegido pela chaminé — a justificação é estafada: perde-se sempre alguma coisa da viagem, indo lá para baixo. Mas, por fim, a escuridão, o embalo da água e o ronronar do motor adormecem-no com um sono profundo, que servirá, pelo menos, para recuperar a frescura.

Quando acorda é já de madrugada, à frente do navio está a terra e à direita a corcova duma ilha. A ilha é fácil de identificar — aquelas montanhas imponentes, polidas como peças de fruta numa loja, são albanesas. São grandes e calvas, com as cores quentes que o sol lhes dá ao elevar-se com esforço por cima dos ombros delas para brilhar sobre o mar. Corfu jaz como uma foice pousada junto aos flancos do litoral continental e forma uma baía grande e tranquila que se estreita em ambas as extremidades, de modo que as marés espremem-se e acalmam-se ao entrarem nela. No mapa vê-se perfeitamente. Mas, de momento, o grande *ferry* singra simplesmente, parecendo ir esmagar-se contra a barreira de montanhas de ouro à sua frente. A costa norte de Corfu desmente a reputação de beleza luxuriante da ilha; é escarpada, pobre e sem uma aldeia — calcário baço, só mato e azinheiras. O viajante contempla-a com alguma consternação, perguntando-se se as histórias que ouviu sobre a verdade e a beleza de Corfu não seriam realmente fábulas. Mas, gradualmente, o canal principal torna-se visível, e com ele o antigo farol veneziano que indica os baixios. Agora o navio vira abruptamente, como se rodasse nos calcanhares, e aponta a sul, deixando a Albânia à sua esquerda. À direita é o canal, tão estreito que as primeiras aldeias estão, ou parecem estar, apenas a umas centenas de